

ALTERAÇÕES NA COMUNIDADE DE AVES DO MORRO DE ARAÇOIABA (FLORESTA NACIONAL DE IPANEMA - FLONA, IPERÓ, SP)

CHANGES IN THE BIRD COMMUNITY OF MORRO DE ARAÇOIABA (IPANEMA NATIONAL FOREST - FLONA, IPERÓ, SP)

Cláudio da Silva¹

RESUMO

O Morro de Araçoiaba (FLONA de Ipanema) localiza-se na região Sudeste do Estado de São Paulo, entre os municípios de Iperó, Araçoiaba da Serra e Capela do Alto. A atual área apresenta-se coberta por vegetação característica da Floresta Mesófila Semidecídua e foi intensamente explorada no passado como combustível para o funcionamento de fornos de fundição de ferro, minério este outrora abundante na região. Diversos naturalistas estudaram a fauna local, entre os quais, destacam-se os trabalhos de Johann Von Natterer, que, no período de 1819 a 1822, registrou 343 espécies de aves para a região. Com o objetivo de conhecer o atual *status* da comunidade avifaunística do Morro de Ipanema, iniciou-se, em janeiro de 1991, um levantamento ornitológico. Este estudo resultou numa lista contendo 189 espécies, divididas em 16 ordens e 43 famílias. Através do índice de similaridade de Jaccard, a atual comunidade de aves da FLONA de Ipanema apresentou uma semelhança de 21,30% com a comunidade registrada por Natterer, sendo que 47 das espécies registradas no presente estudo não haviam sido observadas pelo naturalista e possuem hábitos generalistas. Possivelmente, muitas delas colonizaram esses ambientes, que são resultantes de alterações ambientais.

Palavras-chave: Morro de Araçoiaba. Natterer. Aves. Alterações ambientais. FLONA de Ipanema.

ABSTRACT

The Morro de Araçoiaba (National Forest of Ipanema), is located in the southeastern of São Paulo state, between the towns of Iperó, Araçoiaba da Serra and Capela do Alto. The actual area is covered by a typical vegetation of the Mesófila Semidecidual Forest and it was extensively explored in the past as fuel for the operation of smelters of iron which used to be abundant in the region. Several naturalists have studied the local fauna, among which Johann von Natterer that in the period 1819 to 1822 recorded 343 species of birds for region. Aiming to know the current status of the bird community of the Morro de Ipanema, a bird census was initiated in January 1991. This study resulted in a list containing 189 species, divided into 16 orders and 43 families. Through the Jaccard similarity index, the current bird community of Ipanema showed a similarity of 21,30% to the community recorded by Natterer, and 47 of species recorded in this study had not been observed by the naturalist and have generalist habits. Possibly, many of them colonized and settled in these environments, which are resulted of environmental changes.

Keywords: Morro de Araçoiaba. Natterer. Birds. Environmental Change. FLONA de Ipanema.

¹ Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas pela PUC/São Paulo. Professor da Escola Comunitária Paulo Freire - Homigaoka Latin America Center – CELAHO, Toyota, Japão. Consultor Técnico da Associação Mata Ciliar, Jundiá, São Paulo. E-mail: clau.smith@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A ocupação territorial do estado de São Paulo teve seu grande impulso no século passado com o surto cafeeiro e da cana de açúcar, além do avanço ferroviário pelo interior paulista (CONSEMA, 1985 e SMA, 1992). Atualmente, estima-se que a cobertura vegetal do estado de São Paulo represente menos de 5% da vegetação primitiva outrora existente (Serra-Filho, 1974; Kotchekoff-Henriques e Joly, 1994). O pouco que resta se encontra situado, principalmente, na região das encostas atlânticas. Já no interior do estado, as vegetações estão distribuídas sob a forma de fragmentos florestais de diversos tamanhos.

O fenômeno da perda de espécies em ambientes florestais fragmentados tem recebido cada vez mais atenção de pesquisadores desde a formulação da teoria da Biogeografia de Ilhas por MacArthur e Wilson (1967). As florestas tropicais, devido à grande diversidade de suas comunidades e estrutura peculiar, envolvendo muitas espécies raras (Richards, 1952), estão entre os ambientes que mais perdem espécies durante o processo de fragmentação. Muitos autores (Willis, 1979; Bierregaard e Lovejoy, 1989; Stoufer e Bierregaard, 1996; Galletti e Pizo, 1996) comprovaram esse fato avaliando a estrutura da comunidade de aves em ambientes tropicais.

A composição faunística remanescente em fragmentos florestais, muitas vezes, encontra-se intimamente relacionada aos fatores degradantes que atuaram durante a fragmentação. O conhecimento prévio do histórico da degradação desses ambientes, portanto, pode auxiliar a compreender como a sua comunidade se encontra estruturada, além de fornecer dados importantes sobre as exigências ecológicas de suas populações. Este trabalho relata a atual comunidade de aves existente no Morro de Araçoiaba, comparando-a com estudos desenvolvidos no século passado pelo naturalista austríaco Johann Natterer, além de apresentar detalhes dos processos degradantes enfrentados pela vegetação desde o estabelecimento de atividade humana no local. Pretende-se, dessa forma, contribuir para o conhecimento da ornitofauna da região, bem como do histórico de degradação ambiental do Morro de Araçoiaba, evidenciando quais espécies foram perdidas nos 181 anos que separam os dois estudos.

ÁREA DE ESTUDO

A área de estudo localiza-se na divisa entre os municípios de Iperó, Araçoiaba da Serra e Capela do Alto; porção sudeste os estado de São Paulo, entre as coordenadas 230 25' S e 470 35' W (figura 1). Vários riachos brotam do Morro de Araçoiaba, sendo o mais volumoso deles o que nasce no Vale das Furnas, antigamente chamado de “Riacho das Forjas Velhas” e, hoje, conhecido como Ribeirão do Ferro (Salazar, 1982). A região é drenada, na porção oeste, pelo rio Sarapuí e, ao leste, pelo rio Ipanema, sendo este último tributário do Ribeirão do Ferro.

Segundo Salazar (1982), o Morro de Araçoiaba não faz parte de qualquer sistema orográfico, encontrando-se isolado em uma região de relevo levemente ondulado. A sua origem data do Cretáceo Inferior, há aproximadamente 123-125 milhões de anos, através de uma intrusão que expôs o seu embasamento cristalino (IPT, 1981; Brasil, 1983). A intrusão alcalina Ipanema, com cerca de 13 Km² de área, ocupa o núcleo da elevação conhecida pelo nome de “Serra de Araçoiaba”, formada essencialmente por rochas do embasamento pré-cambriano (IPT, 1981; Brasil, 1983).

De formato oval, cujos diâmetros estão dentre 18 e 4, 5 quilômetros, o Morro de Araçoiaba tem altitude de 900m acima do nível do mar, elevando-se aproximadamente 350m acima da média dos terrenos da região, que é de 550m (Menon, 1992). A vegetação remanescente cobre aproximadamente 3.000 hectares da região, sendo basicamente formada por matas secundárias de Floresta Semidecidual. O clima da região caracteriza-se como subtropical de altitude Cfa (Köppen), com período de seca entre 30 e 60 dias e precipitação média anual de 1.330mm. A temperatura média anual é de 20°, 40° C, com a máxima de 29,80°C, em fevereiro, e mínima de 11,60° C em junho.

Em meados de 1950, depois de várias fases pelas quais a região de Ipanema passou, instalou-se ali o Centro Nacional de Ensaio e Treinamento Rural de Ipanema (CENTRI). Em 1975, foi criado o Centro Nacional de Engenharia Agrícola (CENEA) pertencente ao Ministério da Agricultura, que, em meados de 1992, teve sua área repassada ao Ministério do Meio Ambiente. Implantou-se, no local, então, a Flona Nacional de Ipanema, vinculada ao Instituto do Meio Ambiente e Recursos Renováveis – IBAMA. A FLONA de Ipanema (Decreto 530, DOU 23.05.92) abriga inúmeros sítios históricos e arqueológicos, os quais evidenciam a história da Siderurgia Nacional, possuindo, dessa forma, um enorme valor, por ter sido ali fundada a primeira Forja do Brasil e da América do Sul, em 1589, e também a

primeira Siderúrgica Nacional em 1818 (SALAZAR, 1982). As ruínas ainda existentes no local são consideradas patrimônio mundial.

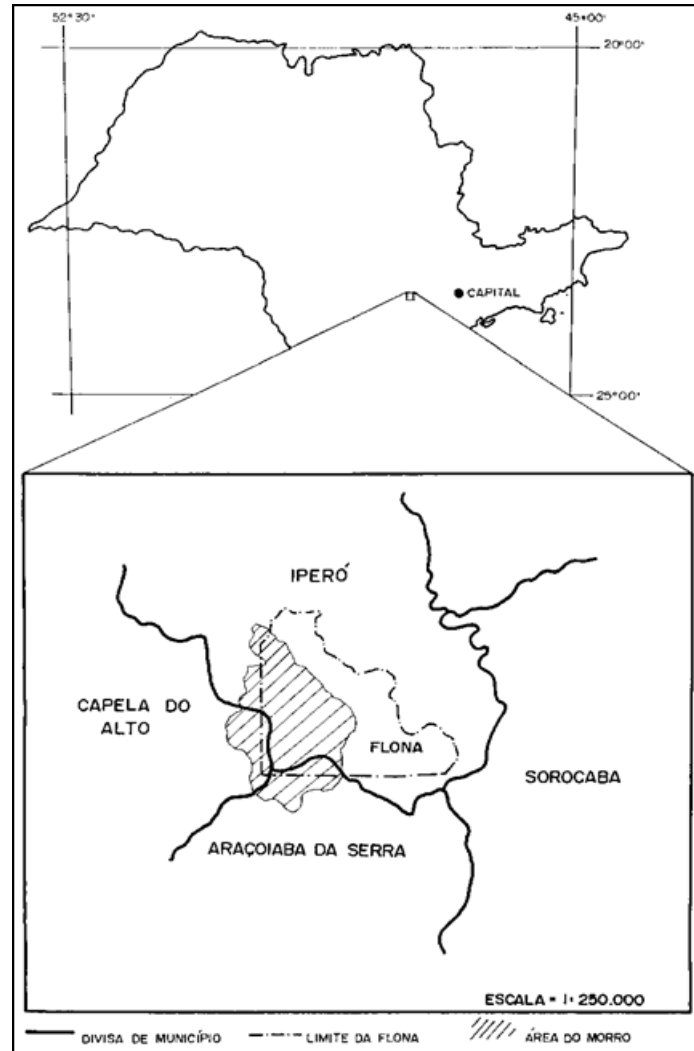


Figura 1 - Localização do Morro de Araçoiaba no estado de São Paulo

METODOLOGIA

Os dados apresentados neste trabalho baseiam-se nas coletas do naturalista austríaco Johann Natterer, efetuadas na região do Morro de Araçoiaba durante fevereiro de 1819 a outubro de 1822 (Pelzeln, 1870). As aves identificadas por Natterer resultaram numa lista contendo 343 espécies, a qual foi utilizada como parâmetro comparativo com observações desenvolvidas ao longo do período de 1993 a 2003.

A atualização nomenclatural das espécies selecionadas a partir de Pelzeln (1870), referentes às coletas de Johann Natterer para o Morro de Araçoiaba, baseou-se no Catálogo de Hellmayr (Cory, 1918); os nomes vernáculos e científicos seguem Sick (1997). Durante a atualização dos nomes científicos, oito espécies foram suprimidas, por se tratar de aves:

- com ocorrência improvável para a área de estudo (*Campylopterus largipennis*);
- com atualização nomenclatural duvidosa (*Stenopsis platyura?*, *Thalurania iolaemus?*, *Elaenia albiceps in part.?*);
- hoje incluídas em outras espécies (*Accipiter pectoralis*, *Accipiter poliogaster* = *Accipiter poliogaster*; *Tringoides macularia*, *Tringa maculata* = *Actitis macularia*; *Heliophryx aurita*, *Heliophryx nigrotis* = *Heliophryx aurita*; *Picumnus teminkii*, *Picumnus cirratus* = *Picumnus cirratus*).

Dessa forma, a lista de espécies de aves coletadas por Natterer reduziu de 343 espécies para 335 (TABELA I).

Os registros das espécies foram desenvolvidos, percorrendo-se trilhas e aceiros existentes no Morro de Araçoiaba, registrando-se todas as aves observadas. Consideraram-se todos os ambientes, mesmo aqueles bastante perturbados pela ação antrópica. A identificação era efetuada tanto com auxílio de binóculo, como através dos padrões de vocalização. Foram desenvolvidas algumas caminhadas durante o crepúsculo e a noite, para o registro de espécies de hábitos noturnos. Durante os cinco anos de estudo, foram realizadas aproximadamente 350 horas de observação. Os dados obtidos foram utilizados para medida da similaridade entre os dois estudos, através do Índice de Jaccard.

A história da região do Morro de Araçoiaba foi exaustivamente pesquisada, visando, dessa forma, a identificar os fatores degradantes que influenciaram na alteração da riqueza de espécies nesses últimos 181 anos.

RESULTADOS

Durante o período de estudo, foram registradas 189 espécies de aves. A lista taxonômica da TABELA II apresenta, filogeneticamente, as aves listadas para o Morro de Araçoiaba. Através do índice de similaridade de JACCARD, a atual comunidade de aves do Morro apresentou semelhança de 21,30 % com a comunidade registrada por Natterer. Das 335 espécies coletadas pelo naturalista, somente 142 foram observadas no presente levantamento. No entanto, das 189 espécies registradas atualmente, 47 não foram detectadas por Natterer no

período de 1819 e 1822. A vegetação do Morro de Araçoiaba, ao longo dos anos, foi palco de grande exploração de seus recursos naturais, principalmente, no século passado. Os registros históricos evidenciam corte intenso de madeira para confecção de carvão, principalmente, durante o período de 1811 a 1819, além de sucessivas queimadas ao longo dos anos 80 e 90.

HISTÓRICO DA OCUPAÇÃO E DEGRADAÇÃO DA VEGETAÇÃO DO MORRO DE ARAÇOIABA

São atribuídos ao movimento das “Bandeiras” o descobrimento e a instalação do homem no Morro de Araçoiaba. Em busca de riquezas, que, muitas vezes, foram motivadas por lendas da existência de lagoas de ouro, fontes da juventude, minas imensas de ouro, de prata e rios onde corriam os diamantes, os Bandeirantes aventuraram-se pelo interior do estado de São Paulo (Salazar, 1982). Segundo Dupré (1885), em 1590, foram descobertas jazidas de minério de ferro no Morro de Araçoiaba pelo bandeirante paulista Affonso de Sardinha, porém este já havia chegado à região há três anos, com seu filho, à procura de ouro e prata (Salazar, 1982).

Apesar de 1587 constituir, portanto, o primeiro registro da chegada do homem ao Morro de Araçoiaba, os processos de degradação da vegetação daquela região já deviam ter iniciado. Segundo Salazar (1982), as planícies que margeiam o rio Ipanema eram habitadas, no século XVI, por uma tribo de Tupiniquins. É bem provável, portanto, que existissem clareiras na vegetação elaboradas por esses índios.

A exploração do ferro, abundante no Morro, foi fator determinante no início da derrubada das matas que cobriam a região. Salazar (1982) descreve que, após a descoberta de magnetita, Affonso Sardinha construiu dois pequenos fornos catalães nas proximidades do Ribeirão do Ferro. A facilidade em obter o minério, devido ao seu afloramento na superfície, possibilitou o início da exploração em pequena escala, que, segundo o autor, poderia chegar a 200 quilos por dia à custa de 900 quilos de carvão retirado da vegetação local. Aliás, a vegetação foi, a partir da instalação da Fábrica de Ferro, motivo de preocupação de seus administradores, pois todo o combustível necessário à fundição do ferro se encontrava no Morro. Segundo Menon (1992), dentre outros fatores, a mata que cobria a região pode ter determinado a localização da Fábrica de Ferro em Ipanema. Diversos relatos atestam esse fato, entre eles, as instruções enviadas, em 1810, pelo conde Linhares, a Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro: “V. conhecerá as matas e bosques reservados, há

muitos anos, para o serviço e trabalho desta mina; e verá se os julga suficientes, calculando também sobre a facilidade que o país possa permitir para a sua reprodução: em caso julgue que os mesmos se podem e devem aumentar como outros terrenos que lhe fiquem vizinhos [...]” (VARNHAGEN, 1975).

Na carta régia enviada a Antonio José de Franca e Horta (Governador da Capitania de São Paulo), em 04 de agosto de 1810, existe também um trecho atestando a importância da vegetação do Morro de Araçoiaba como recurso combustível para a fundição de ferro: “[...] há não só uma mina de ferro, muito rica e que pela análise química, a que mandei proceder, dará o mais abundante e lucroso produto, mas uma grande extensão de matas, que previamente mandei há muitos anos reservar, as quais podem dar combustível necessário para um semelhante estabelecimento [...]” (apud MENON, 1992).

A partir do século XVIII, a exploração do ferro evoluiu da metalurgia artesanal para a era da moderna indústria metalúrgica. Durante o período de 1811 a 1833, a Fábrica de Ferro de Ipanema viveu, segundo Menon (1992), seus “anos dourados”, através da construção de autofornos modernos, que possibilitaram a exploração das minas do Morro de Araçoiaba em larga escala. Foi nesse período que o naturalista europeu Johann Natterer visitou a região de Ipanema. Segundo Saint Hilaire (1986), Natterer era membro de uma comissão científica enviada pelo Imperador da Áustria, para coletar espécies da fauna brasileira. Apesar da intensa exploração de madeira a que as matas do Morro de Araçoiaba estavam sendo submetidas na época, o naturalista coletou 343 espécies de aves (PELZELN, 1870). A vegetação da região guardava, ainda nessa época, uma grande diversidade de espécies de aves. Natterer também coletou mamíferos no Morro de Araçoiaba, entre os quais, vale ressaltar o monocarvoeiro (*Brachyteles arachnoides*) e o mico-leão-preto (*Leontopithecus chrysopygus*), este último descrito como da localidade típica à região de Ipanema (PELZELN, 1883). Hoje, ambas as espécies não são mais observadas no local.

A Fábrica de Ferro de Ipanema entrou em decadência nos anos que sucederam 1833, reduzindo, gradativamente, seu funcionamento, porém os processos de degradação da vegetação natural do Morro de Araçoiaba retornaram em 1865, ano este que marcou o início do período mais produtivo da siderurgia.

Por ocasião da guerra do Brasil contra o Paraguai, o Ministério do Exército determinou que fossem produzidas três toneladas de ferro diárias em Ipanema (DUPRÉ, 1885). Assim, o Governo demarcou e desapropriou terras próximas ao Morro, visando a garantir suprimento de combustível necessário a essa produção. Com a construção de mais um

autoforno, em 1878, a produção praticamente dobrou de três para sete toneladas (Sua Boa Estrela, 1986).

Dupré (1885) descreve com detalhes a produção de carvão, relatando que eram utilizados cerca de 10 m³ de lenha para produção de uma tonelada de carvão. Segundo o autor, o consumo anual de carvão chegava a 2.764 toneladas, elaboradas a partir de madeiras como “[...] cambury, guabiroba, guarayuba, guayuvira, canella-preta, açoita-cavallo, peroba, cangerana, e outras”.

LEVANTAMENTO ORNITOFAUNÍSTICO

Durante o período de estudo, o número de espécies registradas para o Morro de Araçoiaba (189 espécies) demonstrou-se significativo em relação ao tempo despendido em campo. Apesar de o número de espécies ser inferior às coletas realizadas pelo naturalista Johan Natterer, estima-se que, com a continuidade dos estudos, a comunidade de aves do Morro de Araçoiaba não ultrapasse muito a presente lista. Muitos autores, desenvolvendo levantamentos em ambientes mais complexos e com maior riqueza de espécies, utilizam um esforço amostral bem menor que o do presente estudo.

O número de aves do Morro de Araçoiaba encontra-se, por exemplo, bem próximo das 206 espécies listadas para a Serra do Japi (Silva, 1992), onde foram utilizadas 233 horas de observação. Esta última, além de possuir área florestada superior à da área de estudo, encontra-se conectada à Serra da Mantiqueira (Jolly, 1992), enquanto Araçoiaba se situa totalmente isolada na Depressão Periférica Paulista, possuindo suas áreas circunvizinhas praticamente desmatadas. O fato de a vegetação remanescente, na área de estudo, encontrar-se ilhada e em sucessão ecológica secundária, devido a perturbações sofridas com a exploração do minério de ferro no século passado, explica a baixa riqueza de espécies em relação às coletas de Natterer.

A perda de espécies em áreas fragmentadas parece afetar mais certos grupos que outros. Em geral, as espécies mais vulneráveis são aquelas representadas por populações de baixa densidade, decorrentes da limitação dos recursos naturais relacionados ao tempo e ao espaço como, por exemplo, ambientes altamente especializados ou fontes reduzidas de alimento. Dessa forma, espécies pertencentes a um único nível trófico ou guilda têm maior probabilidade de extinção (Maurer, 1990). A avifauna do Morro de Araçoiaba apresenta-se bastante empobrecida, levando-se em consideração o número de espécies tipicamente

florestais, estando composta por vários elementos típicos de borda e ambientes abertos, além de espécies aquáticas. Se descontássemos essas espécies “não florestais”, o número de aves registradas para o Morro de Araçoiaba cairia para 92, ficando, portanto, bem aquém das coletas de Natterer (229, descontando-se as espécies não florestais). Segundo Willis (1979), um grande número de aves especialistas, como grandes insetívoros e carnívoros de baixa densidade populacional, além de grandes frugívoros e beija-flores, reduz suas populações em vegetações fragmentadas e alteradas. Estes últimos devido a necessidades ecológicas relacionadas à flora, visto que essas aves dependem de diferentes espécies de plantas florescendo e/ou frutificando nas diferentes estações do ano, o que só grandes áreas florestadas podem fornecer.

Segundo Dickman (1987), os ecossistemas, após a fragmentação, tornam-se mosaicos de pequenos ambientes, possuindo formas e aspectos diferentes, onde a vegetação difere da original devido a perturbações antrópicas. Apesar de a atual situação florística do Morro de Araçoiaba não ser conhecida, a existência de inúmeras clareiras no interior da vegetação e a presença de grandes áreas cobertas por capoeiras indicam, de certa forma, que a reserva não possui diversidade e estrutura arbórea adequada para manter populações de aves mais especializadas. Das 193 aves “perdidas”, em relação às coletas de Natterer no século passado, observa-se que muitas são representadas por frugívoros, carnívoros e insetívoros de grande porte, entre os quais, destacam-se *Tinamus solitarius*, *Crypturellus obsoletus*, *Elanoides forficatus*, *Leucopternis polionota*, *Spizastur tyrannus*, *Pipile jacutinga* e *Amazona vinacea*, todos incluídos na lista oficial das aves ameaçadas e raras das Américas – “The ICBP/IUCN Red Data Book” (COLLAR et al., 1992).

Por outro lado, o presente estudo registrou 47 espécies novas em relação às coletas de Natterer. A maior parte dessas aves é representada por espécies que habitam ambientes abertos. Possivelmente, muitas delas colonizaram esses ambientes resultantes das alterações ambientais ocorridas na área nesses últimos 181 anos. Exemplo disso é o Tiranídeo *Fluvicola nengeta*, espécie típica do Nordeste do Brasil, que vem expandindo seu habitat, invadindo os estados da região do Sudeste brasileiro (LO, 1994; WILLIS, 1991). Outras espécies não registradas pelo naturalista Johann Natterer, no século passado, e que merecem destaque são o Urubu-rei *Sarcoramphus papa* e a Águia-cinzenta *Harpyhaliaetus coronatus*. O Urubu-rei, registrado pela primeira vez em 1995 (SILVA; REGALADO, 1998), parece estar em declínio populacional no Morro de Araçoiaba. Durante o desenvolvimento deste trabalho, a espécie foi poucas vezes contatada, observando-se apenas um casal que nidificou nas escarpas rochosas do Morro. Já a Águia-cinzenta foi registrada através de um único indivíduo jovem,

encontrado com a asa fraturada. O animal, encaminhado ao Zoológico Municipal “Quinzinho de Barros” (Sorocaba, SP), teve a asa amputada devido aos ferimentos. Vale ressaltar que *Harpophalioetus coronatus* figura entre as espécies vulneráveis incluídas no “Red Data Book” (Collar et al., 1992), classificada como ameaçada de extinção por Sick (1997). Sua ocorrência para o estado de São Paulo é também pouco relatada, sendo descrita apenas para as localidades: Chavantes, Rio Paraná e Itararé (PINTO, 1964).

Durante o período de estudo, em diversas oportunidades, observou-se a presença de correições de formigas no interior da mata, sendo seguidas por diversas espécies, entre as quais se destacam: *Pyriglena leucoptera*, *Conopophaga lineata* e *Trichothraupis melanops*.

Apesar de a atual comunidade ornitofaunística do Morro de Araçoiaba estar empobrecida em relação aos estudos de Natterer, vale a pena ressaltar sua grande importância ecológica, por se tratar de uma das últimas áreas contínuas de mata para a região. Estudos de monitoramento da fauna remanescente são, portanto, de extrema importância para a manutenção da biodiversidade da reserva.

Aves observadas pelo naturalista austríaco Johann Natterer na região do Morro de Araçoiaba durante fevereiro de 1819 a outubro de 1822 (PELZELN, 1870). A atualização nomenclatural das espécies selecionadas a partir de Pelzeln (1870), referentes às coletas de Johann Natterer para o Morro de Araçoiaba, baseou-se no Catálogo de Hellmayr (CORY, 1918) e Sick (1997).

Tabela 1 - Lista das Aves Observadas por Natterer

Nome Vulgar	Nome científico empregado por	
	Pelzeln (1870)	Nome científico atual
Macuco	<i>Tinamus solitarius</i>	<i>Tinamus solitarius</i>
Inhambu-guaçu	<i>Tinamus obsoletus</i>	<i>Crypturellus obsoletus</i>
Inhambu-chororó	<i>Tinamus parvirostris</i>	<i>Crypturellus parvirostris</i>
Inhambu-chintã	<i>Tinamus tataupa</i>	<i>Crypturellus tataupa</i>
Perdiz	<i>Rhynchotus rufescens</i>	<i>Rhynchotus rufescens</i>
Codorna-comum	<i>Nothura maculosa</i>	<i>Nothura maculosa</i>
Mergulhão-pequeno	<i>Podiceps dominicus</i>	<i>Tachybaptus dominicus</i>

Nome Vulgar	Nome científico empregado por Pelzeln (1870)	Nome científico atual
Mergulhão	<i>Podilymbus podiceps</i>	<i>Podilymbus podiceps</i>
Biguá	<i>Graculus brasilianus</i>	<i>Phalacrocorax brasilianus</i>
Socó-grande	<i>Ardea cocoi</i>	<i>Ardea cocoi</i>
Garça-branca-grande	<i>Ardea egretta</i>	<i>Casmerodius albus</i>
Garça-branca-pequena	<i>Ardea candidissima</i>	<i>Egretta thula</i>
Garça-azul	<i>Ardea caerulea</i>	<i>Egretta caerulea</i>
Socozinho	<i>Ardea scapularis</i>	<i>Butorides striatus</i>
Garça-real	<i>Nycticorax pileatus</i>	<i>Pilherodius pileatus</i>
Savacu	<i>Nycticorax gardeni</i>	<i>Nycticorax nycticorax</i>
Socó-boi	<i>Tigrisoma brasiliense</i>	<i>Tigrisoma lineatum</i>
Socoi-amarelo	<i>Ardea erythromelas</i>	<i>Ixobrychus involucris</i>
Cororó	<i>Geronticus cayennensis</i>	<i>Mesembrinibis cayennensis</i>
Caraúna	<i>Ibis falcinellus</i>	<i>Plegadis chihi</i>
Colhereiro	<i>Platalea ajaja</i>	<i>Platalea ajaja</i>
Urubu-de-cabeça-preta	<i>Cathartes foetens</i>	<i>Coragyps atratus</i>
Urubu-de-cabeça-amarela	<i>Cathartes aura</i>	<i>Cathartes aura</i>
Pé-vermelho	<i>Querquedula brasiliensis</i>	<i>Amazonetta brasiliensis</i>
Pato-do-mato	<i>Cairina moschata</i>	<i>Cairina moschata</i>
Bico-roxo	<i>Erimastura dominica</i>	<i>Oxyura dominica</i>
Anhuma	<i>Palamedea cornuta</i>	<i>Anhima cornuta</i>
Gavião-tesoura	<i>Nauclerus furcatus</i>	<i>Elanoides forficatus</i>
Gavião-da-cabeça-cinza	<i>Cymindis cayanensis</i>	<i>Leptodon cayanensis</i>

Nome Vulgar	Nome científico empregado por Pelzeln (1870)	Nome científico atual
Gavião-bombachinha	<i>Harpagus diodon</i>	<i>Harpagus diodon</i>
Sovi	<i>Ictinia plumbea</i>	<i>Ictinia plumbea</i>
Gavião-miudinho	<i>Accipiter tinus</i>	<i>Accipter superciliosus</i>
Tauató-pintado	<i>Accipiter pectoralis - Accipiter poliogaster</i>	<i>Accipiter poliogaster</i>
Gavião-de-rabo-branco	<i>Buteo ptorecles</i>	<i>Buteo albicaudatus</i>
Gavião-carijó	<i>Astur magnirostris</i>	<i>Rupornis magnirostris</i>
Gavião-pombo-grande	<i>Leucopternis palliata</i>	<i>Leucopternis polionota</i>
Gavião-caboclo	<i>Urubitinga meridionalis</i>	<i>Buteogallus meridionalis</i>
Gavião-pato	<i>Spizaetus atricapillus</i>	<i>Spizastur melanoneucus</i>
Gavião-de-penacho	<i>Spizaetus ornatus</i>	<i>Spizaetus ornatus</i>
Gavião-pega-macaco	<i>Spizaetus tyrannus</i>	<i>Spizaetus tyrannus</i>
Gavião-caburé	<i>Micrastur xanthothorax</i>	<i>Micrastur ruficollis</i>
Gralhão	<i>Ibycter formosus</i>	<i>Daptrius americanus</i>
Carrapateiro	<i>Milvago chimachima</i>	<i>Milvago chimachima</i>
Caracará	<i>Polyborus brasiliensis</i>	<i>Polyborus plancus</i>
Falcão-de-coleira	<i>Hypotriorchis femoralis</i>	<i>Falco femoralis</i>
Quiriquiri	<i>Tinnunculus sparverius</i>	<i>Falco sparverius</i>
Jacupemba	<i>Penelope superciliaris</i>	<i>Penelope superciliaris</i>
Jacutinga	<i>Penelope jacutinga</i>	<i>Pipile jacutinga</i>
Uru	<i>Odontophorus dentatus</i>	<i>Odontophorus capueira</i>
Saracura-sanã	<i>Rallus nigricans</i>	<i>Rallus nigricans</i>

Nome Vulgar	Nome científico empregado por Pelzeln (1870)	Nome científico atual
Saracura-do-mato	<i>Aramides saracura</i>	<i>Aramides saracura</i>
Sanã-carijó	<i>Porzana albicollis</i>	<i>Porzana albicollis</i>
Frango-d'água- comum	<i>Gallinula galeata</i>	<i>Galinula chloropus</i>
Frango-d'água-azul	<i>Porphyrio martinicus</i>	<i>Porphyryula martinica</i>
Jaçanã	<i>Parra jacana</i>	<i>Jacana jacana</i>
Quero-quero	<i>Vanellus cayennensis</i>	<i>Vanellus chilensis</i>
Batuiruçu	<i>Charadrius pluvialis</i>	<i>Pluvialis dominica</i>
Vira-pedras	<i>Calidris arenaria</i>	<i>Arenaria interpres</i>
Maçarico-solitário	<i>Totanus solitarius</i>	<i>Tringa solitaria</i>
Maçarico-de-perna-amarela	<i>Totanus flavipes</i>	<i>Tringa flavipes</i>
Maçarico-pintado	<i>Tringoides macularia – Tringa maculata</i>	<i>Actitis macularia</i>
Maçarico-de-sobre-branco	<i>Tringa bonapartei</i>	<i>Calidris fuscicollis</i>
Maçarico-acanelado	<i>Tringoides refescens</i>	<i>Tryngites subruficollis</i>
Maçarico-esquimó	<i>Numenius brevirostris</i>	<i>Numenius borealis</i>
Narceja	<i>Scolopax frenata</i>	<i>Gallinago paraguaiae</i>
Narcejão	<i>Scolopax gigantea</i>	<i>Gallinago undulata</i>
Pernilongo	<i>Himantopus nigricollis</i>	<i>Himantopus himantopus</i>
Gaivota-maria-velha	<i>Larus maculipennis</i>	
Trinta-réis-anão	<i>Sterna argentea</i>	<i>Sterna superciliaris</i>
Corta-água	<i>Rynchops nigra</i>	<i>Rynchops niger</i>
Pomba-galega	<i>Chloroenas rufina</i>	
Avoante	<i>Zenaida maculata</i>	<i>Zenaida auriculata</i>

Nome Vulgar	Nome científico empregado por	
	Pelzeln (1870)	Nome científico atual
Rola	<i>Chamaepelia talpacoti</i>	<i>Columbina talpacoti</i>
Pomba-de-espelho	<i>Peristera cinerea</i>	<i>Claravis pretiosa</i>
Parabu	<i>Peristera geoffroyi</i>	<i>Claravis godefrida</i>
Juriti	<i>Leptotila ochroptera</i>	<i>Leptotila verreauxi</i>
Gemeadeira	<i>Leptotila reichembachii</i>	<i>Leptotila rufaxilla</i>
Pariri	<i>Oreopeleia montana</i>	<i>Geotrygon montana</i>
Juriti-vermelha	<i>Oreopeleia violacea</i>	<i>Geotrygon violacea</i>
Maracanã-do-buriti	<i>Sittace maracana</i>	<i>Propyrrhura maracana</i>
Periquitão-maracanã	<i>Conurus pavua var. meridionalis</i>	<i>Aratinga leucophthalmus</i>
Tiriba-de-testa-vermelha	<i>Conurus vittatus</i>	<i>Pyrrhura frontalis</i>
Tuim	<i>Psittacula passerina</i>	<i>Forpus xanthopterygius</i>
Periquito-rico	<i>Pionias maximiliani</i>	<i>Brotogeris tirica</i>
Cuiú-cuiú	<i>Pionias mitratus</i>	<i>Pionopsitta pileata</i>
Maitaca-de-maximiliano	<i>Pionias maximiliani</i>	<i>Pionus maximiliani</i>
Papagaio-de-peito-roxo	<i>Chrysotis vinacea</i>	<i>Amazona vinacea</i>
Papa-lagarta	<i>Coccyzus melancoryphus</i>	<i>Coccyzus melacoryphus</i>
Alma-de-gato	<i>Piaya macroura</i>	<i>Piaya cayana</i>
Anu-preto	<i>Crotophaga ani</i>	<i>Crotophaga ani</i>
Anu-branco	<i>Octopteryx guira</i>	<i>Guira guira</i>
Saci	<i>Diplopterus naevius</i>	<i>Tapera naevia</i>
Peixe-frito-verdadeiro	<i>Dromococcyx phasianellus</i>	<i>Dromococcyx phasianellus</i>
Suindara	<i>Strix flammea</i>	<i>Tyto alba</i>

Nome Vulgar	Nome científico empregado por Pelzeln (1870)	Nome científico atual
Corujinha-do-mato	<i>Ephialtes choliba</i>	<i>Otus choliba</i>
Murucututu-de-barriga-amarela	<i>Athene melanonota</i>	<i>Pulsatrix koeniswaldiana</i>
Caburé	<i>Athene ferruginea</i>	<i>Glaucidium brasilianum</i>
Coruja-do-mato	<i>Syrnium fasciatum</i>	<i>Ciccaba virgata</i>
Coruja-listrada	<i>Syrnium hylophilum</i>	<i>Strix hylophila</i>
Coruja-orelhuda	<i>Otus mexicanus</i>	<i>Rhinoptynx clamator</i>
Mocho-dos-banhados	<i>Otus brachyotus</i>	<i>Asio flammeus</i>
Mãe-da-lua-parda	<i>Nyctibius aethereus</i>	<i>Nyctibius aethereus</i>
Urutau	<i>Nyctibius cornutus</i>	<i>Nyctibius griseus</i>
Tuju	<i>Lurocalis nattereri</i>	<i>Lurocalis semitorquatus</i>
Bacurau-norteamericano	<i>Chordeiles popetue</i>	<i>Chordeiles minor</i>
Corucão	<i>Podager nacunda</i>	<i>Podager nacunda</i>
Curiango	<i>Nyctidromus guianensis</i>	<i>Nyctidromus albicollis</i>
Bacurau-ocelado	<i>Antrostomus ocellatus</i>	<i>Nyctiphrynus ocellatus</i>
Bacurau-rabo-de-seda	<i>Antrostomus sericocaudatus</i>	<i>Caprimulgus sericocaudatus</i>
Bacurau-pequeno	<i>Stenopsis parvula</i>	<i>Caprimulgus parvulus</i>
Bacurau-tesoura	<i>Hydropsalis torquata</i>	<i>Hydropsalis brasiliiana</i>
Bacurau-tesoura-gigante	<i>Hydropsalis forcipata</i>	<i>Macropsalis creaga</i>
Curiango-do-banhado	<i>Eleothreptus anomalus</i>	<i>Eleothreptus anomalus</i>
Andorinhão-de-coleira	<i>Chaetura zonaris</i>	<i>Streptoprocne zonaris</i>
Andorinhão-de-coleira-falha	<i>Chaetura biscutata</i>	<i>Streptoprocne biscutata</i>

Nome Vulgar	Nome científico empregado por Pelzeln (1870)	Nome científico atual
Andorinhão-velho-da-cascata	<i>Chaetura senex</i>	<i>Cypseloides senex</i>
Andorinhão-preto-da-cascata	<i>Nephoaetes fumigatus</i>	<i>Cypseloides fumigatus</i>
Andorinhão-do-temporal	<i>Chaetura poliura</i>	<i>Chaetura andrei</i>
Rabo-branco-de-garganta-rajada	<i>Phaethornis eurynomus</i>	<i>Phaethornis eurynome</i>
Rabo-branco-miúdo	<i>Phaethornis squalidus</i>	<i>Phaethornis squalidus</i>
Asa-de-sabre	<i>Campylopterus largipennis</i>	<i>Campylopterus largipennis</i>
Beija-flor-preto-e-branco	<i>Florisuga fusca</i>	<i>Melanotrochilus fuscus</i>
Beija-flor-de-orelha-violeta	<i>Petasophora serrirostris</i>	<i>Colibri serrirostris</i>
Beija-flor-preto	<i>Lampornis mango</i>	<i>Anthracothorax nigricollis</i>
Topetinho-vermelho	<i>Lophornis magnifica</i>	<i>Lophornis magnifica</i>
Tufinho-verde	<i>Lophornis chalybea</i>	<i>Lophornis chalybea</i>
Besourinho-de-bico-vermelho	<i>Hylocharis flavifrons</i>	<i>Chlorostilbon aureoventris</i>
Tesoura-de-fronte-violeta	<i>Thalurania glaucopis</i>	<i>Thalurania glaucopis</i>
Papo-branco	<i>Agyrtria albicollis</i>	<i>Leucochloris albicollis</i>
Beija-flor-de-banda-branca	<i>Agyrtria brevirostris</i>	<i>Amazilia versicolor</i>
Beija-flor-cinza	<i>Aphantochroa cirrochloris</i>	<i>Aphantochroa cirrhochloris</i>
Beija-flor-rubi	<i>Clytolaema rubinea</i>	<i>Clytolaema rubicauda</i>
Beija-flor-de-bochecha-azul	<i>Heliathryx aurita – Heliathryx nigrotis</i>	<i>Heliathryx aurita</i>
Bico-reto-de-banda-branca	<i>Heliomaster squamosus</i>	<i>Heliomaster squamosus</i>
Surucuá-de-barriga-amarela	<i>Trogon chrysochlorus</i>	<i>Trogon rufus</i>
Surucuá-de-peito-azul	<i>Trogon surucura</i>	<i>Trogon surrucura</i>

Nome Vulgar	Nome científico empregado por Pelzeln (1870)	Nome científico atual
Martim-pescador-grande	<i>Ceryle torquata</i>	<i>Ceryle torquata</i>
Martim-pescador-verde	<i>Ceryle amazona</i>	<i>Chloroceryle amazona</i>
Martim-pescador-pequeno	<i>Ceryle americana</i>	<i>Chloroceryle americana</i>
Juruva	<i>Momotus levaillanti</i>	<i>Baryphthengus ruficapillus</i>
Cuitelão	<i>Galbula tridactyla</i>	<i>Jacamaralcyon tridactyla</i>
Capitão-do-mato	<i>Bucco swainsoni</i>	<i>Notharchus macrorhynchus</i>
João-bobo	<i>Bucco chacuru</i>	<i>Nystalus chacuru</i>
João-barbudo	<i>Monasa torquata</i>	<i>Malacoptila striata</i>
Macuru	<i>Monasa rubecula</i>	<i>Nonnula rubecula</i>
Araçari-de-bico-branco	<i>Pteroglossus wiedii</i>	<i>Pteroglossus aracari</i>
Tucano-de-bico-verde	<i>Ramphastos dicolorus</i>	<i>Ramphastos dicolorus</i>
Tucanuçu	<i>Ramphastos toco</i>	<i>Ramphastos toco</i>
Pica-pau-anão-barrado	<i>Picumnus temminckii</i> – <i>Picumnus cirratus</i>	<i>Picumnus cirratus</i>
Pica-pau-do-campo	<i>Pediopipo campestris</i>	<i>Colaptes campestris</i>
Pica-pau-verde-barrado	<i>Chrysoptilus chlorozostus</i>	<i>Colaptes melanochloros</i>
Pica-pau-dourado	<i>Chronerpes aurulentus</i>	<i>Piculus aurulentus</i>
Pica-pau-de-cabeça-amarela	<i>Celeus flavescens</i>	<i>Celeus flavescens</i>
Pica-pau-de-banda-branca	<i>Dryocopus lineatus</i>	<i>Dryocopus lineatus</i>
Pica-pau-de-cara-amarela	<i>Dryocopus galeatus</i>	<i>Dryocopus galeatus</i>
Benedito-de-testa-amarela	<i>Melanerpes flavifrons</i>	<i>Melanerpes flavifrons</i>
Birro	<i>Leuconerpes candidus</i>	<i>Melanerpes candidus</i>

Nome Vulgar	Nome científico empregado por Pelzeln (1870)	Nome científico atual
Pica-pauzinho-verde-carijó	<i>Campias spilogaster</i>	<i>Veniliornis spilogaster</i>
Pica-pau-rei	<i>Campephilus robustus</i>	<i>Campephilus robustus</i>
Macuquinho	<i>Scytalopus indigoticus</i>	<i>Scytalopus indigoticus</i>
Chorão-carijó	<i>Thamnophilus guttatus</i>	<i>Hypoedaleus guttatus</i>
Matracão	<i>Batara cinerea</i>	<i>Batara cinerea</i>
Borrallhara-assobiadora	<i>Thamnophilus leachii</i>	<i>Mackenziaena leachii</i>
Borrallhara	<i>Thamnophilus severus</i>	<i>Mackenziaena severa</i>
Papo-branco	<i>Biatas nigropectus</i>	<i>Biatas nigropectus</i>
Choca-da-mata	<i>Thamnophilus naevius</i>	<i>Thamnophilus caerulescens</i>
Choca-de-chapéu-vermelho	<i>Thamnophilus ruficapillus</i>	<i>Thamnophilus ruficapillus</i>
Choquinha-de-garganta- pintada	<i>Myrmotherula gularis</i>	<i>Myrmotherula gularis</i>
Chorozinho-de-asa-vermelha	<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i>	<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i>
Trovoada	<i>Formicivora ferruginea</i>	<i>Drymophila ferruginea</i>
Choquinha-da-serra	<i>Formicivora genei</i>	<i>Drymophila genei</i>
Choquinha-carijó	<i>Formicivora malura</i>	<i>Drymophila malura</i>
Papa-taoca-do-sul	<i>Pyriglena leucoptera</i>	<i>Pyriglena leucoptera</i>
Papa-formigas-de-grota	<i>Myrmeciza squamosa</i>	<i>Myrmeciza loricata</i>
Tovaca-campainha	<i>Chamaeza brevicauda</i>	<i>Chamaeza campanisoma</i>
Tovacuçu	<i>Grallaria imperator</i>	<i>Grallaria varia</i>
Pinto-do-mato	<i>Grallaria ochroleuca</i>	<i>Hylopezus nattereri</i>
Chupa-dente	<i>Conopophaga lineata</i>	<i>Conopophaga lineata</i>

Nome Vulgar	Nome científico empregado por Pelzeln (1870)	Nome científico atual
Andarilho	<i>Geobates poecilopterus</i>	<i>Geobates poecilopterus</i>
João-teneném	<i>Synallaxis spixi</i>	<i>Synallaxis spixi</i>
Pichororé	<i>Synallaxis ruficapilla</i>	<i>Synallaxis ruficapilla</i>
João-teneném-da-mata	<i>Synallaxis cinerascens</i>	<i>Synallaxis cinerascens</i>
Curutié	<i>Synallaxis ruficauda</i>	<i>Certhiaxis cinnamomea</i>
Arredio-pálido	<i>Synallaxis pallida</i>	<i>Cranioleuca pallida</i>
Trepador-coleira	<i>Xenops anabatooides</i>	<i>Anabazenops fuscus</i>
Trepador-quiete	<i>Anabates rufosuperciliatus</i>	<i>Syndactyla rufosuperciliata</i>
Limpa-folha-miúdo	<i>Anabates infuscatus</i>	<i>Anabacerthia amaroutis</i>
Limpa-folha-coroado	<i>Anabates atricapillus</i>	<i>Philydor atricapillus</i>
Limpa-folha-ocrácea	<i>Anabates superciliaris</i>	<i>Philydor lichtensteini</i>
Limpa-folha-testa-baia	<i>Anabates poliocephalus</i>	<i>Philydor rufus</i>
Barranqueiro-de-olho-branco	<i>Anabates leucophthalmus</i>	<i>Automolus leucophthalmus</i>
Trepadorzinho	<i>Anabates contaminatus</i>	<i>Heliobletus contaminatus</i>
Bico-virado-miúdo	<i>Xenops genibarbis</i>	<i>Xenops minutus</i>
Bico-virado-carijó	<i>Xenops rutilus</i>	<i>Xenops rutilans</i>
Vira-folha	<i>Sclerurus caudacutus</i>	<i>Sclerurus scansor</i>
João-porca	<i>Lochmias nematura</i>	<i>Lochmias nematura</i>
Arapaçu-verde	<i>Sittasomus erithacus</i>	<i>Sittasomus griseicapillus</i>
Arapaçu-de-garganta-branca	<i>Xiphocolaptes albicollis</i>	<i>Xiphocolaptes albicollis</i>
Arapaçu-grande	<i>Dendrocolaptes picumnus</i>	<i>Dendrocolaptes platyrostris</i>
Arapaçu-escamado	<i>Picolaptes falcinellus</i>	<i>Lepidocolaptes squamatus</i>

Nome Vulgar	Nome científico empregado por Pelzeln (1870)	Nome científico atual
Arapaçu-rajado	<i>Picolaptes tenuirostris</i>	<i>Lepidocolaptes fuscus</i>
Arapaçu-de-bico-torto	<i>Xiphorhynchus procurvus</i>	<i>Campylorhamphus falcularius</i>
Risadinha	<i>Myiopatis obsoleta</i>	<i>Camptostoma obsoletum</i>
Guaravaca-de-orelhas	<i>Elainea implacens</i>	<i>Myiopagis viridicata</i>
Maria-da-copa	<i>Elainea caniceps</i>	<i>Myiopagis caniceps</i>
Guaravaca-de-barriga-amarela	<i>Elainea pagana</i>	<i>Elaenia flavogaster</i>
Tucão	<i>Elainea obscura</i>	<i>Elaenia obscura</i>
Guaravaca-de-crista-branca	<i>Elainea albiceps</i>	<i>Elaenia albiceps</i>
Chibum	<i>Elainea albivertex</i>	<i>Elaenia chiriquensis</i>
João-pobre	<i>Serpophaga cinerea</i>	<i>Serpophaga nigricans</i>
Alegrinho	<i>Serpophaga subcristata</i>	<i>Serpophaga subcristata</i>
Papa-moscas-do-campo	<i>Culicivora stenura</i>	<i>Culicivora caudacuta</i>
Barulhento	<i>Hapalocercus meloryphus</i>	<i>Euscarthmus meloryphus</i>
Cabeçudo	<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	<i>Leptopogon amaurocephalus</i>
Borboletinha-do-mato	<i>Phylloscartes ventralis</i>	<i>Phylloscartes ventralis</i>
Marianinha-amarela	<i>Capsiempis flaveola</i>	<i>Capsiempis flaveola</i>
Estalador	<i>Corythopsis calcarata</i>	<i>Corythopsis delalandi</i>
Miudinho	<i>Orchilus auricularis</i>	<i>Myiornis auricularis</i>
Olho-falso	<i>Hemitriccus diops</i>	<i>Hemitriccus diops</i>
Tachuri-campainha	<i>Euscarthmus nidipendulus</i>	<i>Hemitriccus nidipendulus</i>
Tirizinho-do-mato	<i>Euscarthmus orbitatus</i>	<i>Hemitriccus orbitatus</i>
Ferreirinho-de-cara-canela	<i>Euscarthmus gularis</i>	<i>Todirostrum plumbeiceps</i>

Nome Vulgar	Nome científico empregado por Pelzeln (1870)	Nome científico atual
Bico-chato-de-orelha-preta	<i>Rhynchocyclus mystaceus</i>	<i>Tolmomyias sulphurescens</i>
Patinho	<i>Platyrrhynchus mystaceus</i>	<i>Platyrrinchus mystaceus</i>
Assanhadinho-de-cauda-preta	<i>Myiobius xanthopygius</i>	<i>Myiobius atricaudus</i>
Filipe	<i>Myiobius naevius</i>	<i>Myiophobus fasciatus</i>
Papa-moscas-cinzento	<i>Myiochanes cinereus</i>	<i>Contopus cinereus</i>
Enferrujado	<i>Empidochanes fuscatus</i>	<i>Lathrotriccus eulerei</i>
Guaracavuçu	<i>Emoidochanes fringillarius</i>	<i>Cnemotricus fuscatus</i>
Verão	<i>Pyrocephalus rubineus</i>	<i>Pyrocephalus rubinus</i>
Maria-branca	<i>Taenioptera nengeta</i>	<i>Xolmis cinerea</i>
Maria-preta-de-bico-azulado	<i>Cnipolegus cyanirostris</i>	<i>Knipolegus cyanirostris</i>
Viuvinha	<i>Copurus colonus</i>	<i>Colonia colonus</i>
Bandeira-do-campo	<i>Alectoturus tricolor</i>	<i>Alectrurus tricolor</i>
Suiriri-pequeno	<i>Sisopygis icterophrys</i>	<i>Satrapa icterophrys</i>
Gibão-de-couro	<i>Hirundinea rupestris</i>	<i>Hirundinea ferruginea</i>
Tesoura-cinzenta	<i>Muscipipra vetula</i>	<i>Muscipipra vetula</i>
Capitão-de-saíra	<i>Attila cinereus</i>	<i>Attila rufus</i>

Tabela 2 - Espécies de aves registradas para FLONA de Ipanema no período de 1991 a 2003

Ordem, Família e espécie	Nome Vulgar
<i>Podicipediformes</i>	
<i>Podicipedidae</i>	
<i>Podiceps dominicus</i>	Mergulhão-pequeno

<i>Ordem, Família e espécie</i>	<i>Nome Vulgar</i>
<i>Pelecaniformes</i>	
<u><i>Phalacrocoracidae</i></u>	
<i>Phalacrocorax brasilianus</i>	Biguá
<u><i>Anhinguidae</i></u>	
<i>Anhinga anhinga</i>	Biguatinga
<i>Ciconiiformes</i>	
<u><i>Ardeidae</i></u>	
<i>Ardea cocoi</i>	Garça-moura
<i>Casmerodius albus</i>	Garça-branca-grande
<i>Egretta thula</i>	Garça-branca-pequena
<i>Bulbucus ibis</i>	Garça-vaqueira
<i>Butorides striatus</i>	Socozinho
<i>Syrigma sibilatrix</i>	Maria-faceira
<i>Nycticorax nycticorax</i>	Garça-dorminhoca
<u><i>Cathartidae</i></u>	
<i>Sarcoramphus papa</i>	Urubu-rei
<i>Coragyps atratus</i>	Urubu-de-cabeça-preta
<i>Cathartes aura</i>	Urubu-de-cabeça-vermelha
<u><i>Anatidae</i></u>	
<i>Amazonetta brasiliensis</i>	Marreca-pé-vermelho
<i>Falconiformes</i>	

<i>Ordem, Família e espécie</i>	<i>Nome Vulgar</i>
<u><i>Accipitridae</i></u>	
<i>Elanus leucurus</i>	Gavião-peneira
<i>Ictinia plumbea</i>	Sovi
<i>Rostrhamus sociabilis</i>	Gavião-caramujeiro
<i>Buteo albicaudatus</i>	Gavião-de-cauda-branca
<i>Buteo brachyurus</i>	Gavião-de-cauda-curta
<i>Rupornis magnirostris</i>	Gavião-carijó
<i>Heterospizias meridionalis</i>	Gavião-caboclo
<i>Harpyhaliaetus coronatus</i>	Águia-cinzenta
<u><i>Falconidae</i></u>	
<i>Herpetotheres cachimans</i>	Acauã
<i>Milvago chimachima</i>	Carrapateiro
<i>Polyborus plancus</i>	Caracara
<i>Falco femoralis</i>	Falcão-de-coleira
<i>Falco sparverius</i>	Quiriquiri
<i>Galliformes</i>	
<u><i>Cracidae</i></u>	
<i>Penelope superciliaris</i>	Jacupemba
<i>Gruiformes</i>	
<u><i>Aramidae</i></u>	
<i>Aramus guarauna</i>	Carão

<i>Ordem, Família e espécie</i>	<i>Nome Vulgar</i>
<u><i>Rallidae</i></u>	
<i>Rallus nigricans</i>	Saracura-preta
<i>Aramides cajanea</i>	Saracura-três-potes
<i>Porzana albicollis</i>	Sanã-carijó
<i>Gallinula chloropus</i>	Frango-d'água-comum
<u><i>Cariamidae</i></u>	
<i>Cariama cristata</i>	Seriema
<i>Charadriiformes</i>	
<u><i>Jacanidae</i></u>	
<i>Jacana Jacana</i>	Jaçanã
<u><i>Charadriidae</i></u>	
<i>Vanellus chilensis</i>	Quero-quero
<i>Columbiformes</i>	
<u><i>Columbidae</i></u>	
<i>Columba livia domestica</i>	Pombo-doméstico
<i>Columba picazuro</i>	Pomba-asa-branca
<i>Columba cayannensis</i>	Pomba-galega
<i>Zenaida auriculata</i>	Avoante
<i>Columbina talpacoti</i>	Rolinha-caldo-de-feijão
<i>Scardafella squammata</i>	Fogo-apagou
<i>Leptotila verreauxi</i>	Juriti-pupu

<i>Ordem, Família e espécie</i>	<i>Nome Vulgar</i>
<i>Leptotila ruficapilla</i>	Juriti-gemeadeira
<i>Psittaciformes</i>	
<u><i>Psittacidae</i></u>	
<i>Forpus xanthopterygius</i>	Tuim-de-asa-azul
<i>Pionus maximiliani</i>	Maitaca-verde
<i>Cuculiformes</i>	
<u><i>Cuculidae</i></u>	
<i>Piaya cayana</i>	Alma-de-gato
<i>Crotophaga ani</i>	Anu-preto
<i>Guira guira</i>	Anu-branco
<i>Tapera naevia</i>	Saci
<i>Strigiformes</i>	
<u><i>Strigidae</i></u>	
<i>Otus choliba</i>	Corujinha-do-mato
<i>Speotyto cunicularia</i>	Coruja-buraqueira
<i>Caprimulgiformes</i>	
<u><i>Nyctibidae</i></u>	
<i>Nyctibius griseus</i>	Mãe-da-lua
<u><i>Caprimulgidae</i></u>	
<i>Nyctidromus albicollis</i>	Curiango
<i>Caprimulgus rufus</i>	João-corta-pau

Ordem, Família e espécie	Nome Vulgar
<i>Hydropsalis brasiliana</i>	Curiango-tesoura
<i>Apodiformes</i>	
<u><i>Apodidae</i></u>	
<i>Streptoprocne zonaris</i>	Andorinhão-de-coleira-branca
<i>Chaetura andrei</i>	Andorinhão-do-temporal
<u><i>Trochilidae</i></u>	
<i>Phaethornis eurynome</i>	Rabo-branco-de-garganta-rajada
<i>Phaethornis pretrei</i>	Rabo-branco-de-sobre-amarelo
<i>Eupetomena macroura</i>	Beija-flor-rabo-tesoura
<i>Melanotrochilus fuscus</i>	Beija-flor-preto-e-branco
<i>Anthracothorax nigricollis</i>	Beija-flor-de-veste-preta
<i>Chlorostilbon aureoventris</i>	Besourinho-de-bico-vermelho
<i>Thalurania glaucopis</i>	Beija-flor-de-fronte-violeta
<i>Leucochloris albicollis</i>	Beija-flor-de-papo-branco
<i>Amazilia lactea</i>	Beija-flor-de-peito-azul
<i>Coraciiformes</i>	
<u><i>Alcedinidae</i></u>	
<i>Ceryle torquata</i>	Martim-pescador-grande
<i>Chloroceryle amazona</i>	Martim-pescador-verde
<i>Chloroceryle americana</i>	Martim-pescador-pequeno
<i>Piciformes</i>	

<i>Ordem, Família e espécie</i>	<i>Nome Vulgar</i>
<u><i>Bucconidae</i></u>	
<i>Nystalus chacuru</i>	João-bobo
<i>Malacoptila striata</i>	João-barbudo
<u><i>Ramphastidae</i></u>	
<i>Ramphastos toco</i>	Tucano-toco
<u><i>Picidae</i></u>	
<i>Picumnus temminckii</i>	Pica-pau-anão-de-coleira-amarela
<i>Picumnus cirratus</i>	Pica-pau-anão-barrado
<i>Colaptes campestris</i>	Pica-pau-do-campo
<i>Chrysoptilus melanochloros</i>	Pica-pau-verde-barrado
<i>Celeus flavescens</i>	Pica-pau-de-cabeça-amarela
<i>Dryocopus lineatus</i>	Pica-pau-de-banda-branca
<i>Melanerpes candidus</i>	Birro
<i>Veniliornis spilogaster</i>	Pica-pauzinho-verde-carijó
<i>Passeriformes</i>	
<u><i>Rhynocriptidae</i></u>	
<i>Scytalopus indigoticus</i>	Macuquinho
<u><i>Formicariidae</i></u>	
<i>Mackenziaena severa</i>	Borralhara-preta
<i>Thamnophilus caeruleus</i>	Choca-da-mata
<i>Dysithamnus mentalis</i>	Choquinha-lisa

<i>Ordem, Família e espécie</i>	<i>Nome Vulgar</i>
<i>Drymophila malura</i>	Choquinha-carijó
<i>Pyriglena leucoptera</i>	Papa-taoca-do-sul
<i>Conopophaga lineata</i>	Chupa-dente-marrom
<u><i>Furnariidae</i></u>	
<i>Furnarius rufus</i>	João-de-barro
<i>Synallaxis spixi</i>	João-tenenem
<i>Synallaxis ruficapilla</i>	Pichororé
<i>Synallaxis frontalis</i>	Petrim
<i>Synallaxis albescens</i>	Uipí
<i>Certhiaxis cinnamomea</i>	Curutié
<i>Cranioleuca pallida</i>	Arredio-pálido
<i>Syndactyla rufosuperciliata</i>	Trepador-quiete
<i>Automolus leucophthalmus</i>	Barraqueiro-de-olho-branco
<i>Heliobletus contaminatus</i>	Bico-virado-do-sul
<i>Lochmias nematura</i>	Capitão-da-porcaria
<u><i>Dendrocolaptidae</i></u>	
<i>Sittasomus griseicapillus</i>	Arapaçu-verde
<i>Dendrocolaptes platyrostris</i>	Arapaçu-de-bico-preto
<i>Lepidocolaptes fuscus</i>	Arapaçu-rajado
<i>Campylorhamphus falcularius</i>	Arapaçu-de-bico-preto-torto
<u><i>Tyrannidae</i></u>	

<i>Ordem, Família e espécie</i>	<i>Nome Vulgar</i>
<i>Camptostoma obsoletum</i>	Risadinha
<i>Myiopagis viridicata</i>	Guaravaca-de-olheiras
<i>Elaenia flavogaster</i>	Guaravaca-de-barriga-amarela
<i>Pipromorpha rufiventris</i>	Abre-asa-de-cabeça-cinza
<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	Cabeçudo
<i>Todirostrum poliocephalum</i>	Teque-teque
<i>Todirostrum cinereum</i>	Ferreirinho-relógio
<i>Todirostrum plumbeiceps</i>	Tororó
<i>Tolmomyias sulphurescens</i>	Bico-chato-de-orelha-preta
<i>Platyrinchus mystaceus</i>	Patinho
<i>Myiophobus fasciatus</i>	Felipe-de-peito-riscado
<i>Empidonax euleri</i>	Enferrujado
<i>Pyrocephalus rubinus</i>	Príncipe
<i>Xolmis cinerea</i>	Maria-branca
<i>Knipolegus lophotes</i>	Maria-preta-de-topete
<i>Fluvicola pica</i>	Lavadeira-de-cara-branca
<i>Fluvicola nengeta</i>	Lavadeira-mascarada
<i>Arundinicola leucocephala</i>	Viuvinha
<i>Colonia colonus</i>	Maria-viuvinha
<i>Gubernetes yetapa</i>	Tesoura-do-brejo
<i>Hirundinea ferruginea</i>	Birro

<i>Ordem, Família e espécie</i>	<i>Nome Vulgar</i>
<i>Machetornis rixosus</i>	Suiriri-cavaleiro
<i>Myiarchus ferox</i>	Maria-cavaleira
<i>Myiarchus swainsoni</i>	Irrê
<i>Pitangus sulphuratus</i>	Bem-te-vi
<i>Megarynchus pitangua</i>	Bem-te-vi-de-bico-chato
<i>Myiozetetes cayanensis</i>	Bem-te-vizinho-de-asa-ferruginea
<i>Myiodynastes maculatus</i>	Bem-te-vi-rajado
<i>Empidonomus varius</i>	Peitica
<i>Muscivora tyrannus</i>	Tesourinha
<i>Tyrannus melancholicus</i>	Suiriri
<i>Pachyramphus rufus</i>	Caneleiro-cinzento
<i>Platypsaris rufus</i>	Caneleito-de-chapéu-preto
<i>Tityra cayana</i>	Anambé-branco-de-rabo-preto
<i>Tityra inquisitor</i>	Anambé-de-bochecha-parda
<u>Pipridae</u>	
<i>Chiroxiphia caudata</i>	Tangará-dançarino
<u>Contigidae</u>	
<i>Procnias nudicollis</i>	Araponga
<u>Hirundinidae</u>	
<i>Tachycineta leucorrhoa</i>	Andorinha-de-sobre-branco
<i>Phaeoprogne tapera</i>	Andorinha-do-campo

<i>Ordem, Família e espécie</i>	<i>Nome Vulgar</i>
<i>Progne chalybea</i>	Andorinha-doméstica-grande
<i>Notiochelidon cyanoleuca</i>	Andorinha-pequena-de-casa
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	Andorinha-serradora
<u><i>Troglodytidae</i></u>	
<i>Donacobius atricapillus</i>	Japacamim
<i>Troglodytes aedon</i>	Corruíra
<u><i>Muscicapidae</i></u>	
<i>Turdus rufiventris</i>	Sabiá-laranjeira
<i>Turdus leucomelas</i>	Sabiá-barranqueiro
<i>Turdus amaurochalinus</i>	Sabiá-poca
<i>Turdus albicollis</i>	Sabiá-coleira
<u><i>Mimidae</i></u>	
<i>Mimus saturninus</i>	Arrebita-rabo
<u><i>Motacillidae</i></u>	
<i>Anthus lutescens</i>	Caminheiro-zumbidor
<u><i>Vireonidae</i></u>	
<i>Cyclarhis gujanensis</i>	Pitiguari
<i>Vireo olivaceus</i>	Juruvuara-oliva
<u><i>Emberizidae</i></u>	
<i>Parula pitiayumi</i>	Mariquita
<i>Geothlypis aequinoctialis</i>	Pia-cobra

<i>Ordem, Família e espécie</i>	<i>Nome Vulgar</i>
<i>Basileuterus flaveolus</i>	Pula-pula-amarelo
<i>Basileuterus culicivorus</i>	Pula-pula-coroado
<i>Basileuterus leucoblepharus</i>	Pula-pula-assobiador
<i>Coereba flaveola</i>	Cambacica
<i>Pyrrhocomma ruficeps</i>	Cabecinha-castanha
<i>Thlypopsis sordida</i>	Saíra-canário
<i>Tachyphonus coronatus</i>	Tiê-preto
<i>Trichothraupis melanops</i>	Tiê-de-topete
<i>Habia rubica</i>	Tiê-da-mata
<i>Piranga flava</i>	Sanhaço-de-fogo
<i>Thraupis sayaca</i>	Sanhaço-cinza
<i>Thraupis palmarum</i>	Sanhaço-do-coqueiro
<i>Euphonia chlorotica</i>	Gaturamo-fifi
<i>Tangara cayana</i>	Sanhaço-cara-suja
<i>Dacnis cayana</i>	Saí-azul
<i>Conirostrum speciosum</i>	Figuinha-de-rabo-castanha
<i>Myospiza humarelis</i>	Tico-tico-do-campo
<i>Volatinia jacarina</i>	Tiziu
<i>Sporophila lineola</i>	Bigodinho
<i>Sporophila cerulescens</i>	Coleirinha
<i>Coryphospingus cucullatus</i>	Tico-tico-rei-vermelho

<i>Ordem, Família e espécie</i>	<i>Nome Vulgar</i>
<i>Saltator similis</i>	Trinca-ferro
<i>Cyanocopsa cynea</i>	Azulão
<i>Agelaius ruficapillus</i>	Garibaldi
<i>Leistes militaris</i>	Polícia-inglesa
<i>Pseudoleistes guirahuro</i>	Chopim-do-brejo
<i>Molothrus bonariensis</i>	Chopim
<u><i>Fringillidae</i></u>	
<i>Zonotrichia capensis</i>	Tico-tico
<i>Spinus magellanica</i>	Pintassilgo
<u><i>Passeridae</i></u>	
<i>Passer domesticus</i>	Pardal
<u><i>Estrildidae</i></u>	
<i>Estrilda astrild</i>	Bico-de-lacre

AGRADECIMENTOS

Aos amigos Alexandre Aleixo, André Guilherme e Humberto Censi Guimarães, pelo companheirismo e pela participação nos trabalhos em campo.

REFERÊNCIAS

BIERREGAARD-JR, R. O.; LOVEJOY, T. E. **Effects of forest fragmentation on amazonian understory bird communities**. Acta Amazonica, v. 19, p. 215-241, 1989.

BRASIL (Projeto RADAMBRASIL). **Levantamento dos Recursos Naturais**. Ministério das Minas e Energia. v. 32. Rio de Janeiro. 1983. 780p.

COLLAR, N. J. et. al. **Threatened Birds of the Américas**. The ICBP/IUCN Red Data Book. Terceira edição, parte 2. Cambridge: ICBP. 1992. 1150p.

CORY, C.B. **Catalogue of Birds of the Americas**. Field Mus. Nat. Hist. Publ. (Zool. Ser.) 13, 15 vols. 1918.

CONSEMA. **Áreas Naturais do Estado de São Paulo**. Conselho Estadual do Meio Ambiente. São Paulo: 1985. 17p.

DICKMAN, C. R. **Habitat fragmentation and vertebrate species richness in a urban enviroment**. Journal of Aplied Ecology, n.24, p. 337-351, 1987.

DUPRÉ, L. **Memória sobre a Fábrica de Ferro de São João do Ypanema**. Anais da Escola de Minas de Ouro Preto. Segunda edição, Tyd. D' O Germinal, Mariana, MG. NO 4. 1885.

GALETTI, M.; PIZO, M. A. **Fruit eating by birds in a forest fragment in southeastern Brazil**. Ararajuba, v.4, n.2, p. 71-79, 1996.

IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo), **Mapa Geológico do Estado de São Paulo**. Escala 1:500.000. 1981.

JOLY, C. A. **A preservação da Serra do Japi**. In: MORELLATO, L. P. C. (org.). História natural da Serra do Japi: ecologia e preservação de uma área florestal no Sudeste do Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992 p.

KOTCHETKOFF-HENRIQUES, O.; JOLY, C. A. **Estudo florístico e fitossociológico em uma Mata Mesófila Semidecídua da Serra do Itaqueri, Itirapina, Estado de São Paulo**. Brasil. Ver. Brasil. Biol. 54(3):477-487. 1994.

LO, V. K. **Ocorrência de Laniisoma elegans** (Thunberg, 1823) (COTINGIDAE) e Fluvicola nengeta (Linnaeus, 1766) (TYRANNIDAE) no Município de São Paulo, S.P. Bol. CEO 10:35-41. 1994.

MACARTHUR, R. H.; WILSON, E. O. **The theory of island biogeography**. Princeton: Princeton Univ. Press, 1967. 203p.

MAURER, B. A. **The relationship between distribution and abundance in a patchy environment**. OIKOS, 58(2):181-189. 1990.

MENON, O. G. **A real fábrica de ferro de São João do Ipanema e seu mundo – 1811-1835**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1992.

PELZELN, A. **Zur ornithologie brasiliens: resultate von. Johann Natterers reisen in den jahren 1817 bis 1835**. Wien: Druck und Verlag von A. Pichler's Witwie & Sohn, 1870. 462 p.

PELZELN, A. **Brasilische Sängethicre: resultate von. Johann Natterers reisen in den jahren 1817 bis 1835**. Wien: Druck und Verlag von A. Pichler's Witwie & Sohn, 1883. 140 p.

PINTO, O. M. O. **Ornitologia Brasiliense**. Vol. I, Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do estado de São Paulo. 1964.

RICHARDS, P. W. **The tropical rain forest**. Cambridge: University Press, 1952. 450p.

SALAZAR, J. M. **O esconderijo do sol: a história da Fazenda Ipanema, desde a primeira Forja do Brasil até a Real Fábrica de Ferro**. Brasília - D.F: Ministério da Agricultura, 1982. 134p.

SAINT-HILLARIE, A. V. **Viagem a Província de São Paulo**. Trad. De Regina Regis Junqueira. São Paulo: Edusp, 1986. v. 18.

SMA (Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo). **São Paulo 92: perfil ambiental e estratégias**. Secretaria do Meio Ambiente. São Paulo, SP. 1992.

SILVA, C.; REGALADO, L. B. **Nidificação em cavidade rochosa por urubu-rei, Sarcoramphus papa (Falconiformes: Cathartidae) no Morro de Araçoiaba (Floresta Nacional de Ipanema – Iperó, São Paulo)**. Bol. CEO 13:04-08. 1998.

SILVA, W. R. AS AVES DA SERRA DO JAPI. **História Natural da Serra do Japi: Ecologia e Preservação de uma área Florestal no Sudeste do Brasil**. (237-263). (L.P.C. Morellato org.) Editora da Unicamp, FAPESP, Campinas – SP. 1992.

SUA BOA ESTRELA. **O Berço da Siderurgia**. Revista dos Amigos da Mercedes-Benz do Brasil S.A. n. 86. 1986.

SERRA-FILHO, R. **Levantamento da cobertura vegetal natural e do reflorestamento no estado de São Paulo**. Boletim Técnico do Instituto Florestal. n.11, p. 1-53,1974.

SICK, H. **Ornitologia brasileira: uma introdução**. Brasília: Editora Unb. 1997.

STOUFER, P.; BIERREGAARD, JR. **Forest fragmentation and seasonal patterns of hummingbird abundance in Amazonian Brazil**. Ararajuba, 1996. v. 4, n.1. p. 9-14.

VARNHAGEN, F. A. **História Geral do Brasil, antes da sua separação e independência de Portugal**. Edições Melhoramentos, São Paulo. 1975.

WILLIS, E. O. **The composition of avian communities in remanescent woodlots in Southern Brazil**. Papéis Avulsos Zoologia. n.33, v1, p. 1-25. 1979.

WILLIS, E. O.; ONIKI, Y. **Nomes Gerais para as Aves Brasileiras**. AMÉRICO BRASILIENSIS. 79 p. 1991.